



## JUSCELINO KUBITSCHKEK: TRAJETÓRIAS

ROSILENE DIAS MONTENEGRO (\*)

### INTRODUÇÃO

Juscelino Kubitschek de Oliveira, o JK, é uma das personalidades brasileiras mais biografadas. Morto em 22 de agosto de 1976, em trágico acidente, cujas circunstâncias estão envoltas em suspeita se incutiu na memória coletiva como o Presidente da República, dos “anos dourados” que levou o Brasil à modernidade.

Foi um presidente da República que enfrentou imensas dificuldades para governar tendo que desenvolver habilidades políticas de negociação e convencimento/persuasão para conseguir administrar os conflitos de classes, e também os diferentes interesses existentes no interior dos segmentos sociais, particularmente dentre os grupos das elites brasileiras.

O governo JK foi marcado pelo desenvolvimentismo e mudanças. Promoveu um modelo de crescimento econômico de industrialização acelerada. Interligou regiões do país, até então isoladas, com a construção da malha rodoviária, estimulou a ocupação das regiões mais distantes do país que se transformou em gigantesco canteiro de obras, em que eram construídas indústrias (automobilística, de eletrodomésticos etc.), hidrelétricas, usinas, e Brasília, capital do Brasil.

Devido a implantação da política econômica do governo JK, o país deixou de ser agrário, tendo se transformado em país majoritariamente urbano, e com a preponderância da urbanidade surgido novas sensibilidades e códigos sociais. Estes, invariavelmente relacionados às novas demandas de consumo (produtos eletrodomésticos, carros e lambretas, vestimentas e artigos de moda), e de cultural (bossa-nova, cinema e teatro), e o primeiro campeonato mundial de Futebol.

O presente trabalho propõe algumas questões para análise da trajetória política de Juscelino Kubitschek: i) o papel do indivíduo JK na criação de seu próprio mito; e, ii) o contexto histórico do surgimento do mito político JK. A pesquisa foi realizada em livros e

---

\* Professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em História pela UNICAMP.



artigos científicos, teses, e documentos da internet. Buscamos como as referências para nossa análise contribuições dentre os trabalhos dos historiadores Jacques Revel, com seu conceito de “experiência”; algumas reflexões sobre biografia de Giovanni Levi; o modelo de narrativa para o mito e mitologia política de Raoul Girardet; e, as observações de Michel de Certeau (1982) para o fazer historiográfico.

Partimos do pressuposto que a trajetória de vida de JK, sua transformação em mito, pertence ao conjunto de possibilidades datadas pelo contexto histórico do pós Segunda Guerra Mundial e as particularidades do inventar a democracia, experiência ainda muito recente no Brasil. Como referências para nossa análise, tomamos as contribuições de Giovanni Levi tocantes à reflexão sobre o gênero biografia, tipicidade ou não-tipicidade, em que analisa os “(...) limites em nossa possibilidade de conhecer as pessoas, de escrever uma biografia [...] e a ideia de que nossa vida é coerente. Nós sabemos que não é verdade. Nossa vida não é coerente. Temos várias contradições [...]” (LEVI, 2014: 8). Também nos apropriamos da contribuição de Raoul Girardet para operar em relação a uma lógica racional submetida “a uma rigorosa ordenação do discurso e facilmente acessível à exclusiva inteligência lógica” (GIRARDET, 1987:10). Girardet, contribui para a compreensão de que o campo das representações e das ações políticas evidenciam, mais do que outros, a ligação entre o imaginário, o mito e a política, favorecendo o acionamento do imaginário, mitos e mitologias, bem como da irrupção da potência onírica inerente aos sonhos e anseios coletivos.

## JUSCELINO KUBITSCHKEK

Nascido em 12 de setembro de 1902, na pequena e histórica cidade de Diamantina, interior do Estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek gravou seu nome nas páginas da história política brasileira por causa das transformações por que passou o Brasil em seu governo quando Presidente da República (1956-1961).

Oriundo de uma família de imigrantes e brasileiros, de um casamento não desejado pelos familiares maternos, ficou órfão de pai aos três anos de idade juntamente com sua irmã de 4 anos de idade, tendo sua família vivido muitas dificuldades econômicas. Sua mãe, Dona Júlia, mulher ativa, de princípios inabaláveis e forte determinação, decidiu criar os filhos com seus próprios recursos, ou seja, sem a ajuda da família que eram bem remediados, proprietários de terras e de comércio.



Dona Júlia era letrada e para sobreviver buscou a profissão de professora primária (correspondente ao atual ensino fundamental 1), trabalhando na escola primária da cidade de Diamantina, e ministrando aulas de reforço em sua residência. Foi Dona Júlia que alfabetizou os filhos e os educou até a conclusão do programa de ensino do primário da época. As fases seguintes da formação escolar de Juscelino Kubitschek, o ginásio e o científico, foram realizadas respectivamente no colégio religioso de Diamantina e depois na cidade de Belo Horizonte, capital mineira. Dona Júlia tinha consciência da importância da formação escolar em níveis mais avançados e sempre orientou os filhos, particularmente Juscelino – que era o homem da casa – à continuidade dos estudos e à escolha de uma profissão em nível superior. Dona Júlia tinha a compreensão que até recentemente ainda se verificava nas classes médias baixas (termo impreciso, aqui utilizado na ausência de outro que melhor expressasse essa observação que anotamos em nossa pesquisa) de que somente com uma formação escolar superior poderiam seus filhos alcançarem a independência econômica e o *status* social a que faziam jus.

Juscelino segue então para completar seus estudos em nível de científico (atual ensino médio) na capital mineira e depois o ingresso na faculdade de Medicina. A formação escolar de Juscelino foi um investimento que custou ainda mais privações à sua família. Pois, sendo Dona Júlia “a ovelha negra”, rebelde, não adequada aos costumes da época em que era comum uma viúva voltar a casa e domínio do pai e irmãos. Foram longos tempos de muita privação em que Juscelino chegou a cair doente de profunda estafa, resultante de trabalho demasiado, dificuldades de alimentação e sobrevivência. Por essa época Juscelino havia conseguido passar em concurso público para os Correios e Telégrafos, trabalhando de noite, estudando de dia, e dormindo aos cochilos quando e onde podia.

Finalmente, Juscelino consegue concluir o curso de Medicina, em 1927. A Faculdade de Medicina foi o ambiente em que fez importantes amizades e conhecimentos, que muito iriam lhe ajudar em diferentes momentos de sua vida profissional futura. Foi na Faculdade de Medicina que fez amizade com Júlio Soares, seu colega de turma. Júlio se tornaria seu melhor amigo e amigo de toda a vida. Júlio se enamorou de Naná (Maria da Conceição Kubitschek), sua irmã, e com ela casou, assumindo inclusive a sogra, Dona Júlia, com que tinha excelente convívio.

Foi também por meio da convivência com a elite de Belo Horizonte e Minas Gerais que fazia parte do curso de medicina e de sua turma na Faculdade de Medicina que conheceu



a jovem Sarah Lemos, herdeira de uma das maiores riquezas do Estado de Minas, com quem se casaria em no início de 1931. A condição financeira de Juscelino, pobre de recursos materiais, eram amenizadas pelo capital social (capital simbólico) que possuía: uma sólida formação, a origem de imigrantes, tendo inclusive um seu tio avó sido Senador do Império, e os familiares bem remediados em Diamantina, inserindo também nesse capital social a condição de gênero étnico-racial – era homem e branco.

O exercício que ora fazemos de revisão de nossa própria escrita a respeito dessa figura emblemática não nos oferece, ainda, o fio ou os fios esgarçados por onde poderíamos desfazer ao menos parte dessa teia de sedução. Ou seja, confessamos nossa paixão por JK, mas, caro(a) leitor(a), estou tentando fazer diferente, conseguir questionar.

A partir da década de 1990 passa a ocorrer um aumento do interesse de historiadores brasileiros pelo gênero biográfico. Podemos dizer que houve uma retomada de interesse pelo gênero biográfico, que por algumas décadas estava colocado em suspeição pela concepção de combate à história dos acontecimentos, a (*histoire événementielle*). Os historiadores retomam, pois abordagem do tema, mas sob uma perspectiva de historiografia crítica, que busca fugir da “ilusão biográfica”, entendida como:

[...] a crítica bourdieusiana à descrição finalista, tão comum nas histórias de vida, (...). Conclui que a noção de trajetória, livre da ilusão retrospectiva e da ideologia do dom e da predestinação, merece especial atenção em pesquisas autobiográficas [e biográficas], como alternativa de apreensão dos sentidos atribuídos às experiências relatadas pelos agentes sociais que tomamos como sujeitos de nossas investigações. (BOURDIEU, 1986 *apud* COSTA 2015).

Ou ainda, uma tendência a perceber a vida do biografado como uma trajetória linear, cronológica, lógica, racional, (Bourdieu, 1986), armadilha na qual em geral os biógrafos caem. Armadilha esta, que no tocante às biografias sobre JK, enlaçou todas as biografias que são de nosso conhecimento.

Outro texto que está nos ajudando a pensar as possibilidades de problematização para escrita de uma biografia, crítica, de JK tem sido o artigo do historiador italiano Giovanni Levi (2014), em que autor reflete sobre o gênero biografia e provoca os leitores a pensarem no que pode fazer uma biografia interessante. Discorrendo em seguida sobre a tipicidade e a não-tipicidade para escrita de uma narrativa biográfica. Para Levi,

[...] é evidente que uma biografia típica não funciona, porque todos nós somos diferentes (...). Há limites em nossa possibilidade de conhecer as pessoas, de escrever uma biografia, mas a tendência à tipicidade tem produzido o quê? Em geral, tem produzido coerências biográficas, **a ideia de que nossa vida é coerente**. Nós sabemos que não é verdade. Nossa vida não é coerente. Temos várias contradições de vários tipos... (LEVI, 2014: 8) (grifo da autora).



Lemos, provavelmente, todas ou quase todas as biografias sobre Juscelino Kubitschek. Não encontramos indícios de irritação, impaciência, arrogância, prepotência, descortesia etc. As pessoas que poderiam nos informar sobre as questões de foro íntimo, familiares e amigos próximos são pouquíssimos. A família de JK, mulher, filhas e netos, é bem pequena: esposa, Sarah e a filha Márcia, já faleceram. Maria Estela, vive, tem filhas, netos e bisnetos; e, vivem também os filhos de Márcia. Dos amigos mais próximos a JK, não temos notícias se ainda estão vivos. Pressupomos que esses poderiam, caso quisessem ou fosse do interesse deles, nos oferecer informações sobre a vida íntima que o público desconhece.

Tanto a “Ilusão biográfica”, criticada por Pierre Bourdieu, quanto as questões levantadas por Giovanni Levi, tem nos ajudado nessa tentativa de revermos o nosso próprio trabalho e especialmente a narrativa da história de vida de Juscelino. Mantemos nossa simpatia pela personagem política, até mesmo por isso gostaríamos de vê-lo mais humano, mais de carne e osso e sonhos e frustrações e sentimentos e emoções. Que contradições teria Juscelino? Que incoerências? Que outras opções, escolhas, poderiam ter sido feitas por Juscelino? É de conhecimento público, por meio de suas biografias e autobiografias, que teve uma infância e juventude de grandes dificuldades materiais e de sobrevivência. Outras possibilidades poderiam ter ocorrido em sua vida, como, por exemplo, se tornar rancoroso, ressentido, amargo, arrogante... Juscelino ao morrer deixou a família com um mínimo de condições de vida para manter o padrão e o *status* que possuíam. Lembremos que Sarah Lemos Kubitschek era rica ao se casar com Juscelino e teve sua riqueza dilapidada pela vida política do marido. Ressaltamos que Juscelino poderia ter feito riqueza com sua profissão. Era médico urologista, Especialista, com residência médica feita em Paris, em um período da história em que esse tipo de formação constituía um *up grade* na concorrência de mercado por clientela. Mas tomou o caminho da política, em tempos em que os políticos usavam de seus próprios recursos financeiros para a promoção de suas campanhas... Quais motivações animavam seu espírito, iluminavam sua alma?

A vida política de Juscelino Kubitschek tem início em 1932, quando eclode o movimento constitucionalista que deflagra o conflito armado entre os que apoiavam o governo de Getúlio Vargas e os paulistas, a esse governo opostos. O conflito armado, ocorrido de 9 de julho a 4 de outubro de 1932, denominado de “Revolução Constitucionalista de 1932”, se inicia na cidade de Passa Quatro, em Minas Gerais, e se encerra na Serra da Mantiqueira (HELIODORO, 1991: 49-50), divisa entre Minas Gerais e São Paulo, mais



precisamente no alto da Serra da Mantiqueira, na localidade chamada Garganta do Embaú e no Túnel da Mantiqueira. A revolta foi vencida pelas tropas oficiais com a participação de militares de Minas Gerais, sobretudo. Tendo sido mantido o governo Vargas. Estima-se que tenham morrido entre cerca de mil pessoas. Algumas das questões principais à deflagração do conflito armado foram atendidas algum tempo depois.

Juscelino Kubitschek, quando do confronto armado, participou como Capitão Médico. Ao casar com Sarah Lemos, sua sogra providenciara que fosse arrematado para as fileiras da polícia militar de Minas Gerais, cargo que poderia ser ocupado por indicação política desde que o pretendente tivesse profissão de interesse da corporação. Juscelino era médico urologista, especialidade de grande procura e projeção nessa época. Foi, então, incorporado como Oficial da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

No *front* da Serra da Mantiqueira conheceu Benedito Valadares. E a partir desse conhecimento, amizade, relacionamento, o que deveria ser o destino da vida de Juscelino Kubitschek de Oliveira – médico renomado, prestigiado por grande clientela, esposo de uma das maiores herdeiras da cidade de Belo Horizonte – mudou para o político JK.

Não teríamos, nós biógrafos menosprezados essa possibilidade e visto apenas o “destino” para que se tornasse o mito JK? Por que razão um indivíduo que passara por tantas dificuldades materiais, financeiras, para se tornar um profissional de prestígio, com elevada qualificação, teria em tão pouco tempo de carreira profissional se dividido entre a prática médica e a prática política? Vamos questionando e encontrando escolhas que foram feitas na trajetória de vida, que apontam para um caminho com rupturas, renúncias, indecisões. Ou seja, a trajetória não é linear, nem completamente lógica e racional. Atualmente, nesses tempos em que a corrupção campeia a prática e as trajetórias políticas, a escolha pela carreira política certamente poderia representar investir em “ganhar alguns milionários prêmios de loteria”, “algumas megas-senas acumuladas”. Mas, entre as décadas de 1930 e 1970, é possível nos arriscar em afirmar que enriquecer com e na política, não era a regra. Logo, a escolha não passa pelo caminho racional da estabilidade econômica, material, e manutenção de patrimônio em riqueza material.

Mas, se o “destino” fosse se tornar um dos indivíduos mais importantes da história do Brasil? A ideia de destino compreende a visão de algo inexorável, que vai ou tem que acontecer independente de qualquer coisa, inclusive do indivíduo “predestinado”. Lembremos do herói mítico Perseu. O filho de Zeus e Danae. Em geral lembramos do mítico Perseu por



ter ele, com a ajuda dos deuses do Olimpo, decapitado a Medusa – monstro cuja cabeça possuía cobras em lugar de cabelos e de fisionomia tão hedionda que transformava em pedra quem para seus olhos mirasse. O mito Perseu, estava predestinado desde o nascimento não a matar a Medusa, mas a seu avô, o rei Acrísio. Por esse motivo foi que Acrísio mandou matar o neto. Esse era o destino de Perseu: matar o avô. E tanto Acrísio como Perseu (semideus de alma generosa) evitaram que o destino se cumprisse. Mas, o destino tem que se cumprir. E Perseu, sem assim o desejar, acidentalmente, cumpre seu destino. Ao lançar uma flecha em competição olímpica, essa flecha voa para fora do estádio em busca de atingir mortalmente o rei Acrísio, o qual tem seu o destino realizado. É morto por seu neto, Perseu.

O <destino> seria, pois, essa coisa inexorável do que já foi antecipado para acontecer. Ou, segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa: a fatalidade a que estariam sujeitas todas as pessoas e todas as coisas do mundo; fado; fortuna: “ninguém é senhor do seu **destino**”.

As biografias sobre Juscelino Kubitschek o apresentam como predestinado, destinado, fadado a ser o mito político em que se transformou. Mas teria sido tornar-se Presidente da República o destino de Juscelino, ou a projeção, fama, reconhecimento, prestígio do cargo? Foi a política que atraiu Juscelino ou sua atração teria outra motivação? Talvez, um meio de alcançar um *status* que a riqueza da família de Sara Lemos não teve e jamais teria? São muitas questões que estão e talvez não encontremos respostas.

Ocorreu que tendo Juscelino conhecido Benedito Valadares<sup>1</sup> no *front* do movimento constitucionalista de 1932, dele tornou-se amigo. Benedito, dez anos mais velho que Juscelino, já era político experiente, membro de oligarquia mineira. Foi ele que introduziu Juscelino na política, convidando-o para seu Chefe de Gabinete quando nomeado governador interventor de Minas Gerais em 1933, apoiando sua candidatura para deputado federal (1934-1937), nomeando-o Prefeito interventor de Belo Horizonte (1940-1945); a partir dessa experiência Juscelino começou a trilhar seus caminhos com seus próprios pés, elegendo-se deputado constituinte (1945-1950), Governador de Minas Gerais (1951-1955), e presidente do Brasil (1956-1961).

A eleição de Juscelino para governador de Minas Gerais, ocorreu com acirrada disputa

---

<sup>1</sup> Benedito Valadares Ribeiro foi político mineiro que alcançou grande influência no período Vargas. Foi vereador e prefeito de Pará de Minas, sua cidade natal e depois governador interventor de Minas Gerais de 1933 a 1945.



interna pela indicação do candidato do Partido Social Democrata (PSD), escolhido na convenção do partido, para candidato a Governador de Minas Gerais. Nesse momento, Juscelino já não possuía o total apoio de Benedito Valadares. Este, fazendo-se por seu aliado, articulava em surdina a vitória de Bias Fortes, adversário correligionário de Juscelino na convenção do PSD para escolha do nome para candidato a governador. Uma disputa acirrada, vencida por pouquíssimos votos. Juscelino também teve muita dificuldade para construir a maioria na convenção do PSD para escolha do nome para candidato do partido a Presidência da República. Mais uma vez enfrentou a oposição de Benedito Valadares.

Desconhecemos os motivos ou questões que fizeram com que Juscelino perdesse o apoio de um dos mais influentes políticos do Estado de Minas Gerais desde 1933. As biografias também não explicam com certeza. Ficam as especulações. Alguns indícios<sup>2</sup> (PINHEIRO NETO, 1995: 67). O próprio Juscelino, nunca expôs publicamente opinião, tendo sido lacônico quando teve oportunidade ou inquirido sobre o assunto.

A atuação política de JK, os projetos e realizações de seus governos em Minas Gerais – como prefeito e como governador – e, principalmente quando Presidente da República, está marcada por gestão inovadora, popular e performática. Em Minas Gerais,

[...] com poucas exceções, nenhuma chefia tradicional da época falava em desenvolvimento, planejamento, quilômetros. De repente, a população começou a ouvir expressões como quilowatt *per capita* que assustavam os políticos tradicionais de todas as correntes. É conhecida a frase do coronel maranhense Vitorino Freire: “quero lá saber de quilowatt, quero saber é dos meus amigos”. Juscelino usava outra linguagem. Queria quilowatts, luz, força, estradas. Queria tirar o bolor de Minas. Os rotineiros o chamavam de leviano, mas o povo gostava que estivesse de bem com a vida, da sua gargalhada franca e ruidosa, do seu desassombro em face da inveja, de como saboreava as viagens e serestas. (BOJUNGA, 2001: 205).

Certamente, concorreram para as mudanças por que passariam o Brasil as transformações iniciadas no período de Getúlio Vargas e também as injunções externas a partir da reordenação econômica e política, decorrentes do pós Segunda Guerra Mundial. Vivia-se um contexto da história do Brasil de acirrada disputa e debate das visões e propostas de desenvolvimento para o país.

As elites brasileiras entendiam que era preciso uma redefinição da orientação política econômica do país, ou seja, do papel do Estado no desenvolvimento brasileiro, frente às pressões impostas pela reordenação econômica do mundo após a Segunda Guerra mundial. É,

---

<sup>2</sup> Uma das reminiscências lacônicas encontra-se em registro de um diálogo com João Pinheiro Neto, seu *gosth writer*, em 1953, época em que estava governador de Minas Gerais.





pois, nesse contexto que surgem alguns personagens políticos emblemáticos. Dentre eles Juscelino Kubitschek.

O êxito do político de Juscelino Kubitschek tem a ver com as vitórias das propostas políticas e econômicas ganhas na disputa ininterrupta e acirrada com as posições política e economicamente mais conservadoras. O objeto da disputa se apresentava como sendo a diferença de visão de desenvolvimento. De um lado a defesa de políticas austeras e vinculadas a uma concepção liberal para economia e conservadora no tocante ao acesso das massas trabalhadoras à democracia; de outro, a defesa de políticas a partir da concepção do Estado interventor, que realizasse a planificação das ações econômicas no sentido da industrialização acelerada, chamado desenvolvimentismo. Era, pois, uma visão que se contrapunha à liberal em termos econômicos e, também, em termos de compreensão da participação da população na política.

Uma vez que defendia a ampliação da participação das massas trabalhadoras e, portanto, da democracia. Concepção nominada de populista, como termo pejorativo que buscava desqualificar as ações voltadas para a inclusão social. À visão desenvolvimentista vinculavam-se o próprio JK, segmentos da intelectualidade, e minorias dentre os segmentos empresarial e militar. De modo que a disputa política foi acirrada, e gerou tensões por todo o período do governo JK e tentativas várias de desestabilização de seu governo.

Essas duas visões de desenvolvimento para o país foram discursivamente ressignificadas como o velho (a política liberal) e o novo (o desenvolvimentismo). Logo cedo, Juscelino percebeu que sua identificação como o desenvolvimentismo carecia de uma performance que marcasse essa diferença. Não se tratava somente de uma diferença de visão de mundo, de visão de Brasil. Mas de um comportamento, de uma forma de ser, de se apresentar e conduzir socialmente e politicamente.

Dá-se, pois, início à construção de uma performance e imagem de político carismático, de simpatia inigualável, de memória extraordinária, de identificação com os símbolos do moderno: o automóvel, o avião, o desprendimento no contato com o povo. Daí o JK, político “bossa nova” (novidade). Construções imagéticas discursivas e as performances sociais e políticas que contribuíram para transformar Juscelino Kubitschek em um dos mitos políticos mais importantes do Brasil.

## CRIAÇÃO DO MITO JK



Juscelino Kubitschek é um personagem presente na memória e imaginário coletivos. E também uma personalidade da política brasileira das mais biografadas. Morto em 22 de agosto de 1976, em trágico acidente, cujas circunstâncias foram colocadas em suspeição até hoje não devidamente esclarecidas. Identificado como o presidente da República que teria inserido o país num processo de modernidade, Juscelino Kubitschek de Oliveira se incutiu na memória e no imaginário social e político como o presidente dos “anos dourados”. “Os anos em que não deviam terminar” (FERREIRA, 1997).

Até o primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, as referências ao ex-presidente JK eram maiores do que a de qualquer outro personagem de nossa história política, e continua sendo dos mais presentes nos monumentos históricos (logradouros, estátuas, e a cidade de Brasília). Antes da crise política e institucional por que passa o Brasil desde 2014, JK era uma das lembranças recorrentes nos discursos dos políticos brasileiros, em tentativas de imitação do carismático presidente dos “anos dourados”, a simpatia dos eleitores.

As camadas populares seguiram mais ou menos intensamente as realizações dos governos dos presidentes Vargas, Kubitschek, Collor, Fernando Henrique e, mais recentemente, Lula. E cada um deles está ligado às questões de seu tempo. Alguns favorecidos por apoios das massas trabalhadoras, outros pelas elites políticas, econômicas, intelectuais, outros se movimentando feito equilibristas na tentativa de obter o apoio dessa ou daquela camada social, mas, todos com projeção importante junto as camadas significativas da população brasileira.

Todos esses presidentes tiveram dificuldade e desafios. Uns mais que outros. Mas Juscelino Kubitschek de Oliveira foi um dos presidentes do Brasil que maiores dificuldades enfrentou para conseguir as condições de governabilidade, administrar os conflitos de interesses dos diferentes segmentos sociais.

E nesse jogo houve incoerência, como bem apontou Giovanni Levi. As incoerências foram justamente as alternativas encontradas por Juscelino para a conciliação de diferentes interesses, muitas vezes contraditórios, porque relacionados ao antagonismo de classes sociais. Por exemplo: o aumento de salários, o aumento do poder aquisitivo das classes trabalhadoras, a ampliação da democracia. Essas incoerências não aparecem sob essa denominação, mas sob a denominação de <habilidade política>. Quem era Juscelino ideologicamente? Um indivíduo conservador, de direita, mas, e isso é possível, democrata. se



Juscelino se definia politicamente do seguinte modo: “Sou visceralmente democrata. Para mim, a liberdade é algo fundamental.” (COUTO, 2013: 228)

Ao analisar a história política e econômica do Brasil nos anos cinquenta do século XX, vimos, em geral, a explicação desse momento da história do país, o governo JK, período de desenvolvimentismo, como um momento de significativas mudanças. Também se constata certa predominância na literatura de história política e história econômica de um modelo explicativo que organiza a análise sobre esse período a partir de três enfoques: o ideológico, o planejamento econômico, e as alianças políticas.

O período do governo JK foi marcado pelo desenvolvimentismo, uma política econômica do Estado que busca o crescimento econômico por meio da aceleração do processo de industrialização. Promovendo a interligação das regiões do país (até então isoladas) por meio da construção da malha rodoviária, favorecendo a ocupação populacional das regiões mais distantes do país, ao mesmo tempo em que acarretava a migração do campo para as cidades. Onde os trabalhadores rurais deixavam a agricultura para se transformarem em peões das inúmeras obras espalhadas por todo o país e, especialmente, na região sudeste onde eram construídas as indústrias automobilística e de eletrodomésticos (dentre outras), novas hidrelétricas, novas usinas, e a construção de Brasília, capital do Brasil, na região centro-oeste, “coração do Brasil”. Tudo isso a custo do aumento do endividamento externo, opção política do governo JK, para tirar o Brasil do atraso econômico em que se encontrava (MONTENEGRO, 2001).

Efetivamente, ocorre a partir do governo de JK a transformação do país antes predominantemente agrário para urbano e como o aumento da população urbana a mudança de sensibilidades e códigos sociais, e suas conseqüentes transformações culturais em uma sociedade que passava a consumir produtos eletrodomésticos, carros e lambretas, vestimentas e artigos de moda, e experimentava invenções na música, cinema e teatro, e buscava na vitória do primeiro mundial da Copa de Clubes de Futebol uma reinvenção de sua identidade (CARMO, 2001).

Já os biógrafos, com raras exceções, foram enaltecedores e saudosistas. Esses, mais do que viram, vivenciaram aqueles anos e os problemas desse governo. Estavam envolvidos com os conflitos de interesses econômicos e políticos. Comungavam da mesma visão de mundo e de política. Viram e viveram em um momento de mudanças, e dizem que esses foram os anos de maior felicidade desse país, o qual saiu de uma condição de atraso para uma de



modernização.

As fontes consultadas são consensuais quanto à compreensão de que houve uma transformação da base econômica nessa época e, nesse sentido, destacam que o governo Juscelino Kubitschek constitui um marco na história do país. Mesmo as análises mais críticas admitem que as mudanças ocorridas nesse período foram significativas, embora façam restrição aos meios utilizados para a realização das mudanças como, por exemplo, o empréstimo externo e as consequências sociais das mudanças. São relativamente poucas as críticas ao processo de desenvolvimento ou modernização, realizadas pelo governo JK. A exceção fica por conta da oposição política, e isto, deve-se ressaltar, na época em que as mudanças estavam ocorrendo.

Para os opositores de JK, as mudanças desencadeadas comprometiam as possibilidades de desenvolvimento e de solução dos problemas econômicos e sociais do país. Daí a justificativa para a acirrada oposição que faziam a Juscelino, pelo que ele representava em termos de visão e direção política do Estado e pelas alianças que compusera em torno de sua candidatura e seu governo na presidência da República.

Na luta pelo poder, a oposição era representada pela União Democrática Nacional (UDN), que contava com o apoio dos jornais O Estado de S. Paulo e a Tribuna da Imprensa. A UDN também teve um espaço significativo na revista O Cruzeiro, que embora não fosse uma revista de oposição, caracterizava-se pela ambiguidade de suas posições políticas. O Cruzeiro desempenhava importante papel na formação da opinião pública, uma vez que era a revista de maior circulação nacional.

Com a interrupção do processo de construção da democracia no país (a Ditadura Militar) e, principalmente, após a morte de JK, alguns dos seus adversários políticos reavaliaram os posicionamentos da época, mas mantendo a opinião de que a política de desenvolvimentista do governo JK fora um equívoco. A discordância consistia na direção do processo e nos métodos, isto é, entendiam que as mudanças deviam ser realizadas, mas sem a intervenção do Estado e, principalmente, sem a urgência como foram implantadas. Assim, a oposição admitiria algumas décadas depois do governo JK, que parte das realizações econômicas desse governo foi importante, embora reprovassem os métodos utilizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Qual o lugar dos sentimentos e da paixão política nesse na história? Como se inventa a personagem política JK? Qual a participação do próprio JK, e dos grupos políticos a ele ligados? Como se torna em imaginário coletivo? Teria as memórias, os testemunhos de correligionários políticos, as camadas populares, contemporâneos de JK, os livros didáticos, as biografias e autobiografias, criado o mito? Qual o papel que o imaginário na instituição desse real, na criação e instituição do mito JK e da mitologia política do Brasil moderno? Sem dúvida a mobilização do imaginário coletivo é decisivo à criação do mito. Mas, em que medida Juscelino Kubitschek atuou na criação de seu próprio mito? E qual a relevância do estudo sobre o mito JK e mitologia da modernidade brasileira?

A contribuição de Girardet foi fundamental para nossa análise porque mostra a campo da política como território privilegiado do imaginário, mitos e mitologias, e porque nos auxilia a compreender como se opera a recusa de uma lógica racional submetida “a uma rigorosa ordenação do discurso e facilmente acessível à exclusiva inteligência lógica” (GIRARDET, 1987:10). Constituindo ainda grande desafio a análise desse campo de subjetividades em que “tudo o que escapa às formulações demonstrativas, tudo o que brota das profundezas secretas das potências oníricas permanece, de fato, relegado a uma zona de sombra, na qual bem raros são aqueles que ousam penetrar” (GIRARDET, 1987:10).

O campo das representações e das ações políticas evidencia, mais do que outros, a ligação entre o imaginário, o mito e a política. O período em que ocorre a construção do mito JK se evidencia pela importância da política no acionamento do imaginário, mitos e mitologias, bem como da irrupção da potência onírica inerente aos sonhos e anseios coletivos.

A relação entre o imaginário, o mito e a política, é possível de ser verificada praticamente em todas as circunstâncias das ações políticas e das manifestações do imaginário e mito políticos. Em alguns momentos essa relação se faz mais evidente, como nos anos eleitorais e nos movimentos sociais de contestação política. Mas ela está presente todo o tempo no mundo em que vivemos, constituindo, por isso, rico campo de estudo.

Juscelino Kubitschek interveio conscientemente na reinstituição do imaginário do Brasil moderno e na construção da sua própria imagem, por meio de performances que o ligavam ao imaginário de “o salvador”, destacando sua atuação no jogo da política, por meio de ideias inovadora, visões modernizantes, discursos populares, sensibilidades, que mostram uma representação do imaginário político, em geral, e do mito JK, em particular.

Teve uma vida ou uma atuação coerente? Por vezes, não. Juscelino fez escolhas. E fez



escolhas incoerentes. Seria, por exemplo, mais coerente com o governo que realizou quando Presidente do Brasil ter apoiado João Goulart, ou articulado uma alternativa ao golpe de Estado. Mas ao se colocar em uma posição “neutra”, ele faltou com a coerência em ser “um homem democrata por convicção”. Realmente, **a ideia de que nossa vida é coerente**: “Nós sabemos que não é verdade. Nossa vida não é coerente. Temos várias contradições de vários tipos...”. (LEVI, 2014: 8).

## REFERÊNCIAS

- AVELAR, Alexandre de Sá. **Escrita da história, escrita biográfica: limites, tensões e possibilidades**. In: ANPUH – São Paulo. Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. 2010. UNESP-Franca. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Alexandre%20de%20S%20E1%20Avelar.pdf> Acesso em 02/03/2017.
- BOJUNGA, Claudio. **JK: o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.
- CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: SENAC, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COSTA, Patrícia Cláudia da. **Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu**. Revista Linhas, Florianópolis. V.16, nº 32. Set/Dez, p.51-71. 2015. Disponível em: [http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723816322015051/pdf\\_85](http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723816322015051/pdf_85). Acesso em 2 Ago. 2017.
- COUTO, Ronaldo Costa. **O essencial de JK: visão e grandeza, paixão e tristeza**. São Paulo: Ed. Planeta, 2013.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- HELIODORO, Affonso. **JK: exemplo e desafio**. Brasília: Thesaurus, 1991.
- LEVI, Giovanni. **O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar**. Revista Tempo, 2014. V. 20, p. 8. Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/tem/v20/pt\\_1413-7704-tem-20-20143606.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tem/v20/pt_1413-7704-tem-20-20143606.pdf)>. Acesso em: 4 Abr. 2017.
- MACIEL, Ana Carolina. **Encantamento do rosto: poses e retratos de cinema**. Disponível



em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v18n1/v18n1a06.pdf>. Acesso em: 12/01/2017.  
MONTAGNER, Miguel Ângelo. **Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdeusiana**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a10n17.pdf> Acesso em: 26/01/2017.

MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. **Entre o vinho e a política: uma biografia de Celeste Gobbato (1890-1958)**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2011. Tese de Doutorado em História, defendida no PPGH/UFRGS, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49117/000828626.pdf> Acesso em: 12/01/2017.

MONTENEGRO, Rosilene Dias. **Juscelino Kubitschek: mitos e mitologias políticas do Brasil Moderno**. Campinas, SP: UNICAMP, 2001. Tese de Doutorado em História, defendida no PPGH/UNICAMP.

PEREIRA, Mateus. **Jacques Revel: Entre a história da historiografia e a “crise” da história social**. Disponível em: [http://www.revistatopoi.org/topoi31/R31\\_03.pdf](http://www.revistatopoi.org/topoi31/R31_03.pdf) Acesso em 12/01/2017.

PINHEIRO NETO, João. **Juscelino: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Mauad editora, 1995.